

## CLARICE LISPECTOR PARA ALÉM DE UMA LITERATURA INTROSPECTIVA

Jaqueline Castilho MACHUCA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente texto tem o propósito de discutir, ainda que brevemente, aspectos sociais em algumas obras de Clarice Lispector. Afora *A Hora da Estrela*, romance de 1977, os demais trabalhos da autora parecem estar mais voltados para uma literatura de cunho intimista, que discutem aspectos existenciais. Contudo, contos como “A solução”, “A bela e a fera ou A ferida grande demais”, “A procura de uma dignidade”, “A partida do trem” e “A menor mulher do mundo”, trazem também o aspecto social de forma incisiva, já que suas protagonistas são vistas pela sociedade em geral, ou como seres abjetos, ou como pessoas descartáveis. Ainda que estes textos apresentem reflexões acerca dos questionamentos individuais, através do fluxo de consciência, por exemplo, eles estão carregados de crítica, pois são constituídos através fendas que permitem diferentes apreensões, com destaque, aqui, ao social.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; Crítica Social; Personagens.

**ABSTRACT:** This text discuss ,briefly, social aspects present in some Clarice Lispector’s texts. Except *A Hora da Estrela*, novel published in 1977, the others texts of her are focused on existential questions. However, short stories like “A solução”, “A bela e a fera ou A ferida grande demais”, “A procura de uma dignidade”, “A partida do trem” e “A menor mulher do mundo”, show the social aspects in an accentuated way, because their main characters are seen by the society like abject and disposable people. Although these texts present some reflections around individual questions, by conscience flow, for example, these texts show critical aspects, because they are built with splits, which treat different apprehensions, especially the social one.

**Key-words:** Clarice Lispector; Social Aspect; Characters.

### 1. Algumas obras de Clarice Lispector: Da introspecção ao social

*Cada livro é sangue, é pus, é excremento, é coração retalhado, é nervos fragmentados, é choque elétrico, é sangue coagulado escorrendo como lava fervendo pela montanha abaixo.*  
(Lispector, 1999a, p. 96).

*Água Viva*, de 1973, talvez seja o texto de Lispector que mais simbolize a introspecção e o caráter filosófico de sua obra, a partir da fragmentação narrativa, do fluxo de pensamento que parece ininterrupto e das frases agrupadas que, sem dúvida, formam um romance diferenciado. Nesta esteira temos, entre outros, os romances: *A Paixão Segundo G.H.*, de

---

<sup>1</sup> É mestranda em Teoria e História Literária pela UNICAMP, sob orientação de Suzi Frankl Sperber. Graduada pela Universidade Federal de São Carlos em Letras no ano de dois mil e sete, ingressou no programa de pós-graduação no Instituto de Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Campinas no ano de dois mil e oito. Seu projeto de pesquisa aborda as relações entre o romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector e o filme homônimo de Suzana Amaral.

1964, narrativa em primeira pessoa que descreve as angústias de G.H., mulher de classe média que, ao entrar em contato com o estranho, o feio, o abjeto, passa a se questionar sobre seus valores, em uma viagem psicológica e espiritual carregada de reflexões sobre passado, futuro e condição social. *Perto do Coração Selvagem*, primeiro romance publicado em 1944 por Clarice Lispector, causa *frisson* na crítica por ser uma obra nos moldes de James Joyce e Virginia Woolf, como pontua Bosi: “*Quando apareceu Perto do Coração Selvagem, romance de uma jovem de dezessete anos, a crítica mais responsável, pela voz de Álvaro Lins, logo apontou-lhe a filiação: “nosso primeiro romance dentro do espírito e da técnica de Joyce e Virginia Woolf.”* (Bosi, 1975, p. 475). As comparações do estilo da autora com autores como Faulkner são evidentes e é clara a influência de Joyce, por exemplo, na escritura da autora que constrói um personagem cão, Ulisses, em uma espécie de homenagem ao escritor irlandês, citando, inclusive, o nome do autor “*Ulisses não tem nada a ver com Ulisses de Joyce. Eu tentei ler Joyce mas parei porque ele era chato.*” (Lispector, 1999 b, p. 34).

Não só os romances estão carregados de reflexões filosóficas e existenciais, mas também os livros de contos como *Felicidade Clandestina* de 1971, com textos densos como “O ovo e a galinha”, considerado pela autora seu texto mais complexo<sup>2</sup> e *Laços de Família* de 1960, que conta com treze contos, entre os quais destaco, pensando na literatura introspectiva, “Amor”, “A imitação da rosa” e “O búfalo”.

A maior parte dos textos da autora apresenta, ou como temática ou como complemento, reflexões de cunho existencial, intimista, exploradas no trabalho intenso com a linguagem. Escrever é sempre trabalhar a linguagem. Escrever textos bons, com alcance de público e benquistos por estudiosos, vai além do simples trabalho com as palavras: o autor deve tocar em temas polêmicos sem necessariamente falar deles explicitamente. Exceto *A Hora da Estrela*, parece-nos que as demais obras de Lispector nunca receberam grande destaque como obras sociais, sendo que o romance de 1977 seria um dos únicos a abordar a problemática social, através da personagem Macabéa. Sim, até certo ponto isto é fato, visto que esta obra é uma crítica social explícita, urgente. Mas há mais o que se falar sobre a obra de Lispector, além de apenas enquadrá-la dentro da literatura intimista. É preciso mostrar como ela transforma a linguagem em porta para a leitura das entrelinhas. Nosso intuito, aqui, é o de apresentar, ainda que brevemente, textos da autora que trazem mais que apenas uma leitura existencial, ainda que não consigamos separar a existência da vivência social. Neiva Pitta Kadota coloca que:

---

<sup>2</sup> Lispector afirma, em entrevista dada para Julio Lerner no início de 1977, que seu texto mais complexo- que dizia não compreender muito bem- era o conto “O ovo e a galinha”.

Imergindo na obra de Clarice, percebe-se que é na materialidade do signo que se operam as transformações lingüísticas necessárias à sua criação literária, onde talvez melhor se possa observar a operacionalidade do interpretante dinâmico do signo que (...), ao mesmo tempo em que este se multiplica e dribla o poder e seus mecanismos de limitação e repressão, apontando até para o social através de pulsações que permeiam a vida de seus personagens, ainda que por via indireta e num processo “underground” (Kadota, 1997, p. 111 )

Assim, mesmo quando os textos da autora parecem retratar apenas o lado introspectivo das personagens, eles vão além, já que através da introspecção pode-se adentrar em algumas fendas. Uma delas é, por exemplo, o aparente aprisionamento no qual algumas personagens se sentem: é possível percebermos, neste sentido, que a marginalização em Lispector não está necessariamente ligada a questões de ordem social, pois, o marginal não é necessariamente pobre, ele é diferente, é abjeto, é desprezível perante os olhos da maioria. Assim, G.H. , por exemplo, imersa em sua classe burguesa, questiona-se quando percebe não se encaixar na aparente normalidade que deveria ser sua vida. Ela não é como os outros de “sua classe”, pois tem mais a dizer, ela foge ao padrão, ela é diferente, pois tem luxos, tem prazeres revelados.

## 2. Alguns seres “abjetos” de Lispector

*(...) os raros são perseguidos pelo povo que não tolera insultante ofensa  
do que se diferenciam.*  
(Lispector, 1999 b, p. 35)

Em alguns textos da autora a problemática social fica mais evidente que em outros. Um deles, “A menor mulher do mundo”, conto de *Laços de Família* (1960), exemplifica bem o social em Clarice Lispector. Seu enredo conta com dois personagens centrais: o explorador francês Marcel Petre e sua “mais nova descoberta”, a menor mulher do mundo “*uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra, calada.*” (Lispector, 1998 b , p. 68), que passou a ser chamada por Petre de Pequena Flor. Tendo sua foto publicada “ *no suplemento colorido dos jornais de domingo, onde coube em tamanho natural*” (Lispector, 1998 b, p.70) Pequena Flor, grávida, passou a ser alvo de comentários, todos eles carregados de um tom irônico e, por vezes, hipócrita e preconceituoso. É por intermédio de tais apontamentos que conseguimos notar a visão que o dominador tem daquele que é diferente: “*(...) a gente brincava tanto com ela! A gente fazia ela o brinquedo da gente, heim!*” ; “*Imagine só ela servindo a mesa aqui em casa! E de barriginha grande!*” (Lispector, 1998 b, p. 71-73). Isto

significa que as pessoas a queriam para servir de brinquedo, de empregada doméstica, além de ser vista como alguém que merecia piedade, cuidados, e não como uma pessoa inserida em sua cultura própria, em seus costumes e que, na verdade, não se incomodava com sua aparência física, já que julga este um fator natural. É, portanto, a visão dos outros em relação a ela que a reduz. Outro ponto importante no qual toca o texto é a relação entre possuir e não possuir. Muitos queriam possuir Pequena Flor, como se ela fosse uma coisa, um objeto, um bibelô. E ela, no desfecho do conto, também dá a entender que possuir é bom, fala que poderia representar a posse como um desejo do ser humano: “ *Pequena Flor respondeu-lhe (...) que era muito bom ter uma árvore para morar, sua, sua mesmo. Pois - e isso ela não disse, mas seus olhos se tornaram tão escuros que o disseram - pois é bom possuir, é bom possuir, é bom possuir.*” (Lispector, 1998 b, p. 75). Contudo, Pequena Flor, vista como abjeta e desprezível por sua carência absoluta, revela ter um luxo. É um luxo ingênuo, mas luxo, de alguém que foge ao padrão, que é diferente, que não pertence à classe dominante. A ela basta que tenha sua árvore: o mínimo é básico e suficiente.

Outro texto no qual o aspecto social é evidente chama-se “A bela e a fera ou A ferida grande demais”, conto escrito em 1977, presente na coletânea póstuma, *A Bela e a Fera* de 1979. Aqui, temos Carla de Souza e Santos “*Eram importantes o “ de” e o “e”: marcavam classe e quatrocentos anos de carioca. Vivia nas manadas de mulheres e homens que, sim, que simplesmente “podiam”.*” (Lispector, 1999 d, p. 96) , que, tendo acabado de sair de um salão de beleza e se deparando com um homem sem uma das pernas e com uma ferida aberta na outra perna, começa a fazer indagações e a sentir-se nua, “*completamente exposta*” (Lispector, 1999 d , p. 97). A partir daí, a moça de trinta e cinco anos começa a pensar em sua vida, através de descrições de sua classe social “*(...) o marido o que faria com o mendigo? Sabia que: nada. Eles não fazem nada.*” (Lispector, 1999 d, p. 97). É, portanto, da náusea do contato com o mendigo que nascem questionamentos como “*Não, a vida não era bonita.*” (Lispector, 1999 a , p. 98). O desespero de Carla chega a tal ponto que ela começa a ter pensamentos absurdos, cogitando a possibilidade de o mendigo falar inglês ou ter praticado esportes na Suíça, desembocando em duas palavras “Justiça Social”. Ela, ao longo do texto, reconhece sua omissão até o momento em que encontra o pedinte, já que para os problemas “*desviara a cabeça e tampara os olhos*” (Lispector, 1999 d, p. 102). Contudo nunca tinha refletido profundamente sobre aspectos da miséria humana, já que a moça estava imersa em seu mundo de *glamour*, um mundo “automático” para ela. É através, portanto, do paralelo traçado entre ela e o mendigo, que Carla consegue repensar seus próprios valores.

O mundo que lida com a ordem e desordem é o da burguesia. O diferente, o marginal à sociedade, mulher, animal ou artista (escritor), na maior parte das narrativas de Clarice, precisa desaprender os valores do mundo burguês e urbano. É um desaprendizado feito pela via da memória, e, pois, da organização do tempo da narrativa (Sperber, 1983, p. 160) .

Assim como o mendigo, Carla, Pequena Flor, quase todas as personagens construídas por Clarice trazem cravadas em si o desprezo da sociedade, a marginalidade ou a alienação. O fato é que em grande parte dos textos da autora, sobretudo os ficcionais, podemos perceber a presença de personagens estigmatizados: animais, assassinos, mulheres, velhos, ladrões, crianças, gordos, magros, enfim, personagens que de alguma forma, não se encaixando nos padrões vigentes, normalmente ou são excluídos pelos “outros” ou necessitam de um encontro, que geralmente se dá através da negação daquilo que eles imaginaram ser outrora.

O modo de Clarice é lidar com personagens vulgares ou abomináveis (...) são personagens metidas no miúdo quotidiano inglório, sem um papel quer na história das classes dominantes, quer na história das lutas de classes. São os “diferentes”, os contraditórios e incoerentes (Sperber, 1983, p. 159) .

O abominável do qual fala Sperber pode se manifestar em diferentes níveis. Frente a uma sociedade regida por determinados padrões estéticos, por exemplo, ser fisicamente diferente é um fator que destoa o indivíduo do restante do grupo. Em “A solução”, conto presente no livro *A Legião Estrangeira* de 1964, temos a história de Almira, uma datilógrafa gorda de poucos amigos que tenta manter uma amizade com sua colega de escritório, Alice, esta que não nutria o mesmo sentimento por aquela. “*À medida que a amizade de Alice não existia, a amizade de Almira mais crescia (...) Havia no rosto de Almira uma avidez que nunca lhe ocorrera disfarçar: a mesma que tinha por comida, seu contato mais direto com o mundo*”. (Lispector, 1999 c , p.65) A compulsão por comida de Almira e, conseqüentemente seu excesso de peso, era um de seus problemas, já que seu contato com sua amiga Alice “pequena e delicada” a reduzia, principalmente por ser desprezada pela garota de “rosto oval e aveludado”. Certo dia, Alice parecia chateada e, após muita insistência de Almira, acaba contando o que havia acontecido com ela, junto a insultos “*Sua gorda*” “*Você é uma chata*” (Lispector, 1999 c , p. 66). A solução encontrada por Almira frente a tais ofensas, bem como seu desfecho, é irônico e surpreendente:

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. (...) Na prisão Almira comportou-se com docilidade e alegria (...) Fazia graças para as companheiras. Finalmente

tinha companheiras (...) e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate. Exatamente como para um elefante no circo (Lispector, 1999 b, p. 66-67).

O mínimo necessário e suficiente para Almira é um pouco de atenção, o reconhecimento e aceitação de seu apetite, a vida em grupo. A datilógrafa de “A solução” se cansa de ser insultada, humilhada, ofendida, desembocando em uma ação drástica: ela ataca Alice fisicamente, ou seja, ela reage.

### 3. Os idosos de Lispector

Pensando nas relações entre o indivíduo e o sistema no qual ele está imerso, sobretudo em uma sociedade predominantemente capitalista, ser produtivo para o sistema é quase que uma obrigação. Portanto, aqueles que não o são, como crianças e idosos, por exemplo, por vezes são vistos como inúteis, já que não conseguem mais colaborar com a circulação da economia, exceto pela via do consumo. Assim, com destaque aos personagens mais velhos, escolhemos três textos de Lispector: “Viagem a Petrópolis”, “A procura de uma dignidade” e “A partida do trem”.

O primeiro texto, “Viagem a Petrópolis”, presente em *A Legião Estrangeira*, de 1964, traz uma mulher idosa, pobre, que sem família nem dinheiro, vive de favores “(...) achava sempre lugares para dormir, casa de um, casa de outro.” (Lispector, 1999 c, p. 57). Aqui, temos uma personagem, Mocinha (Margarida) que “era pequena e realmente não precisava comer muito” (Lispector, 1999 c, p. 57). Sendo vista como um peso para a família de Botafogo, com a qual ela vivera nos últimos tempos, é mandada para a casa da “cunhada alemã”, em Petrópolis, onde ela não é aceita. Passeando pela estrada de Petrópolis, desfrutando de sensações diversas, Mocinha tem como desfecho a morte “a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu.” (Lispector, 1999 c, p. 64). Neste conto dois pontos são evidentes: a problemática dos idosos, representados por Mocinha, muito velha, sem trabalho, sem família, sem bens; e a pobreza, como causa primária da necessidade para ela viver de favores, já que não tinha outra maneira de sobreviver. No caso específico da marginalização, ainda há o aspecto da escassez financeira, que submete Margarida às caridades. Portanto, além de marginal e pobre, a protagonista do conto é idosa e não trabalha, características reunidas em uma personagem completamente desprezível aos olhos da sociedade “(...) me impressiona que para além da palavra em si, ou da introspecção, ou dos aspectos filosóficos contidos nos textos de Clarice, existam neles personagens que se não são abjetas, pelo menos se confrontam com a abjeção - e a pobreza.” (Sperber, 1983, p. 154).

Outros dois contos, “A procura de uma dignidade” e “A partida do trem”, ambos presentes no livro *Onde Estivestes de Noite* de 1974, também discutem a problemática do idoso. Neles, temos pontos em comum: os “outros”, ou seja, os “não idosos”, não os notam ou incomodam-se com a presença deles “*Dona Maria Rita pensava: depois de velha começara a desaparecer para os outros, só a viam de relance.*” (Lispector, 1999 b, p. 24). Além disso, suas personagens principais são mulheres, com família. Entretanto se sentem sozinhas e têm consciência da posição e da condição que ocupam na sociedade. Em “A procura de uma dignidade”, por exemplo, temos uma mulher de quase setenta anos, que, após ter ficado perdida no “Estádio Maracanã” tem sua angústia relatada frente ao labirinto que parece ser sua vida, através de reflexões do narrador acerca de sua situação enquanto mulher, velha, apaixonada por Roberto Carlos “*Nos homens velhos bem vira olhares lúbricos. Mas nas velhas não. Fora de estação. E ela viva como se ainda fosse alguém, ela não era ninguém. A Sra. Jorge B. Xavier era ninguém.*” (Lispector, 1999 b, p.17).

“A partida do trem” é curiosamente um texto que dialoga com pelo menos outros dois textos de Lispector: “A procura de uma dignidade” e *Um Sopro de Vida* - pulsações. O primeiro faz menção explícita ao conto que relata um episódio da vida da Sra. B. Xavier <sup>3</sup>, cuja temática é, inclusive, bem semelhante “*A velha era anônima como uma galinha, como tinha dito uma tal de Clarice falando de uma velha despudorada, apaixonada por Roberto Carlos. Essa Clarice incomodava. Fazia a velha gritar: tem! que! haver! uma! porta! de saiiída!*” (Lispector, 1999 c, p. 32). Já em relação ao segundo texto, as pulsações, temos que sua personagem – a narradora, Ângela Pralini, também faz parte deste conto, onde histórias destas duas mulheres, Dona Maria Rita Alvarenga Chagas Souza Melo e Angela se cruzam num paralelo entre a velhice da primeira “*Dona Maria Rita era tão antiga que na casa da filha estavam habituados a ele como a um móvel velho.*” (Lispector, 1999 c, p. 25) e a juventude da segunda “*Angela, olhando a velha dona Maria Rita, teve medo de envelhecer e morrer*” (Lispector, 1999 c, p. 27). O paralelo entre as duas ressalta o frescor de uma e a opacidade da outra. Maria Rita, afirma, inclusive, ser descartável, substituível “*Sou como um embrulho que se entrega de mão em mão.*” (Lispector, 1999 c, p. 21) Em relação às velhas, Olga de Sá afirma:

---

<sup>3</sup> O desfecho do conto “A procura de uma dignidade” é exatamente a frase “tem! que ! haver ! uma ! porta! de saiiiiída!” (p.18). A única diferença entre as duas é a grafia de “saída”, que em um conto tem três “is” e no outro tem seis. Lispector é irônica ao assumir que ela mesma, pela voz de outro narrador, incomodava. Os dois contos são da mesma coletânea *Onde Estivestes de Noite* e “A partida do trem” aparece logo em seguida a “A procura de uma dignidade”, primeiro texto do livro.

As “velhas” da ficção clariciana são o remate de uma existência feminina consagrada ao casamento, ao destino de terem filhos e de envelhecerem sozinhas. Sem perderem a acuidade para colherem a própria ridícula sobrevivência mesmo quando cercadas pela falsa solicitude dos moços (Sá, 2004, p. 179)

Nos três contos citados brevemente acima, percebemos uma construção interessante quando pensamos na exclusão dos idosos. Além de tal exclusão estar carregada de um aspecto social, voltado para a não inclusão dessas pessoas no mercado de trabalho, por exemplo, já que nenhuma das três protagonistas trabalha, ou até mesmo o conceito de “improdutividade”, ou seja, a noção de que os idosos são inúteis, há, nestes contos de Clarice, uma reflexão sobre como tais mulheres se sentem em relação a essa sociedade que as pressiona de forma mascarada. Estarem fadadas à solidão e ao abandono é como se fosse uma sina:

Clarice Lispector apresenta a estrutura interna do ser humano-massacrado. Com este processo, aparentemente de pura introspecção e de pura fabulação filosófica, ela questiona o mundo organizado e a cultura dominante, resgatando do preconceito os ofendidos e humilhados. Esta é uma forma de resistência dos considerados idiotas, imprestáveis, feios, inúteis, e que não o são (Sperber, 1983, p. 160).

Este questionamento em relação à organização do mundo, esta que se dá através dos preceitos da ideologia dominante, pode ser percebido em obras como *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, no qual a fragmentação narrativa é característica primária. A obra se inicia com uma vírgula, deixando na entrelinha que algo veio antes de a narrativa começar. Lispector fecha o romance com dois pontos, ou seja, trata-se de uma obra cíclica, na qual antes do começo há algo, bem como depois do fim. O romance conta a estória de Lóri, que faz uma viagem através da filosofia do amor e do contato com seu professor, não por acaso chamado Ulisses. Com poucos pontos finais, em uma escrita que mais parece um fluxo de pensamento, Loreley encontra o amor e a felicidade. “*Então isso era a felicidade*” (Lispector, 1998 a, p. 73). Cíclico é também *A Hora da Estrela*, que se inicia com a afirmação de S.M. “*Tudo no mundo começou com um sim.*” (Lispector, 1998 d, p. 11) que coloca como última palavra do romance “*Sim.*” (Lispector, 1998 d, p. 87). Isto significa que não importa a história a ser contada, pois sempre haverá algo antes e algo depois daquilo que está sendo narrado.

#### 4. Os corpos

Diferente das demais obras, talvez o livro de Lispector menos compreendido seja *A Via Crucis do Corpo*, de 1974, composto de treze contos e uma explicação. A incompreensão se dá pelo fato de tal obra ir, aparentemente, na contramão do estilo clariceano. A autora nos alerta, no capítulo “Explicação”, que ela ficou chocada com a realidade, e afirma que “*se há indecências nas histórias a culpa não é minha*” (Lispector, 1998 c, p. 11). Ou seja, mais uma vez ela relata aquilo que vê, que escuta e sente. São treze contos belíssimos, e que ao contrário de muitos textos da autora, têm enredo linear, estrutura simples e, até certo ponto, clássica. É neste livro que, a nosso ver, Lispector consegue ousar mais seu estilo de escrita, já que utiliza temas aparentemente repudiáveis. E se, anteriormente, ela já havia construído um romance cujo protagonista é um assassino, contos trazendo animais como personagens principais, idosos excluídos, enxotados, por que não um livro inteiro cuja temática é o corpo? A obra traz não só o corpo como personagem de todos os contos, como também o desejo, o auto conhecimento, o medo e o amor. É aqui que Clarice reúne sentimentos diversos, encarnados na própria matéria humana, o corpo. “*Só posso escrever se estiver livre. E livre de censura, senão sucumbo.*” (Lispector, 1998 c, p. 92).

O corpo, enquanto “cartão de visita”, é, por exemplo, a única coisa vista pelo outro que analisa, julga as personagens citadas brevemente neste ensaio. Assim, Pequena Flor, diferente, baixa, excêntrica, desperta curiosidade por seu porte físico, mas é marginalizada. O mendigo, pobre, ferido, utiliza sua moléstia para tentar condições financeiras mais aprimoradas, mas não tem ideia de que despertaria em seu oposto, Carla, mulher de classe média, abastada, um sentimento tão diverso: ela, ao contrário do comum, não se apieda dele, ela se apieda de si própria por perceber que era maximamente alienada até o momento do contato com o pedinte.

Por fim, as “velhas” da ficção clariciana, que têm em comum o desejo de serem amadas, ou seja, elas querem atenção, assim como Almira, que só pedia carinho, só queria ser olhada, mas ao contrário, é humilhada, reduzida.

#### REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1975.

KADOTA, Neiva Pitta. **A tessitura dissimulada: O social em Clarice Lispector**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida- pulsações**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.

\_\_\_\_\_. **Onde Estivestes de Noite**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

\_\_\_\_\_. **A Legião Estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999c.

\_\_\_\_\_. **A Bela e a Fera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999d.

\_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

\_\_\_\_\_. **A Via Crucis do Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.

\_\_\_\_\_. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998d.

SÁ, Olga de **Clarice Lispector: A travessia do oposto**. São Paulo: Annablume, 2004.

SPERBER, Suzi Frankl. Jovem com ferrugem In.: SCHWARZ, Roberto (Org.) **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Editora brasiliense, 1983. p.154-165.

#### **SITES CONSULTADOS**

Entrevista com Clarice Lispector para TV Cultura:

<http://www.youtube.com/watch?v=9ad7b6kqyok> ( parte 1)

<http://www.youtube.com/watch?v=TvLrJMGIInF4> ( parte 2)

[http://www.youtube.com/watch?v=2Orgxd9bD\\_c](http://www.youtube.com/watch?v=2Orgxd9bD_c) ( parte 3)

<http://www.youtube.com/watch?v=ptCJzf20rbY> ( parte 4)